

Mostra Nacional Funarte de Dança e Teatro - Mambembão 2012

De 23 de fevereiro a 1º de abril - Rio de Janeiro

Teatros Dulcina, Glauce Rocha e Cacilda Becker

Programação

Dança

Perfume Para Argamassa (GO)

23 a 26/02 – Teatro Dulcina

Um ensaio poético e visual, por meio de imagens e movimentos. De forma propositiva, o espetáculo incita diálogos sensoriais, com o objetivo de indagar sobre lugares que abrigam e impulsionam a dança, e reflete sobre as distâncias entre arquitetura, natureza e as ações humanas.

O trabalho parte da interação do corpo com fotografias de espécies botânicas, para transformar espaços e superfícies, privilegiando a harmonização do corpo, do espaço e do pensamento. Propagar o belo em dias de banalização dos valores e das relações afetivas se torna um ato de intervenção a favor da simplicidade, do prazer e da responsabilidade ambiental

Realização: Lúdica Eventos e Projetos Culturais. Com Kleber Damaso e Viviane Domingues.

Design de som: Raoni Gondim. Design de luz: Adriane Reis.

Novo Algo de Sempre (MG)

01 e 02/03 – Teatro Cacilda Becker

Trabalho de dança contemporânea, construído a partir de um estudo de movimento, que relaciona corpo, espaço e imagem. Através de deslocamentos no plano baixo e da escuta espacial, organiza-se o diálogo entre a matéria coreográfica e a improvisação, em um duo, que conta, ainda, com a bagagem individual de cada dançarina. A duração é de aproximadamente 15 minutos.

Realização: Movasse - Coletivo de Criação em Dança. Criação e concepção: Andréa Anhaia e Ester França

Vago (MG)

03 e 04/03 – Teatro Cacilda Becker

Movimento que explora a trajetória incerta do pouco pronunciado destino, que, uma vez espalhado por vários lugares, nenhum deles ocupa. Ele é disponível para moradores ou inquilinos, mas, incrivelmente, possui apenas um herdeiro. Errante e confuso por natureza, é a primeira pessoa do singular que, no presente do indicativo, vai de-vagar.

De tudo que se quer ser, seja a morte, seja a dúvida, as palavras dançam, em inculto silêncio mal distinto, que, assim, enfim, deixa muito a supor...

O trabalho é um recorte autobiográfico de momentos e imagens que, combinados, quase aleatoriamente, resultam na definição poética de “vago”.

Realização: Movasse - Coletivo de Criação em Dança. Criação e interpretação: Andréa Anhaia

1A(Uma) (SC)

08 e 09/03 – Teatro Cacilda Becker

1 (UMA) investiga a multiplicação de personagens estereotipados, por meio de um jogo de cena, em que oscilam a presença ao vivo da performer e sua imagem, projetada em tela. O jogo também provoca a variação entre o movimento figurativo e o movimento abstrato, e entre a conservação de

personagens e a sua superação. Com “Live act av” (criação de vídeo e áudio, em tempo real). O troca-troca de identidades provoca a sensação de se estar presente diante de um “eu”, diluído e artificial, ao mesmo tempo real e fictício, o que motiva questionamentos: quantas identidades assumimos durante a nossa vida? Qual é a verdadeira? Existe uma que é mais verdadeira do que a outra? O que a imagem consegue reter? Será que um retrato consegue captar e registrar as sutilezas de nossa “interioridade”? Ou uma foto consegue apenas revelar uma mímica, gerando uma estranha (e assustadora) sensação de afastamento entre imagem e ser?

Realização: ARCO Projetos em Arte. Atuação: Mônica Siedler; “Live act av”: Roberto Freitas.
Concepção: Mônica Siedler e Roberto Freitas

O Alfaiate de Livros (PE)

08 a 11/03 – Teatro Dulcina

O Alfaiate de Livros é um retrato autobiográfico do encontro do artista Otávio Bastos com o universo da leitura. Filho de um bibliotecário e encadernador de livros, Bastos conviveu com bibliotecas durante toda a infância e brincava com as letras, antes mesmo de entender seu significado.

O espetáculo faz parte do processo de pesquisa do cruzamento entre manifestações populares brasileiras, tecnologia e técnicas contemporâneas de teatro e dança. No trabalho, é usado um vídeo-cenografia, cujas relações entre as projeções e o solista apontam para um duo virtual de dança. Trabalho solo de Otávio Bastos

O Fio das Miçangas (PE)

08 a 11/03 – Teatro Dulcina

O Fio das Miçangas surgiu a partir de leituras, principalmente, da obra de Stuart Hall, sobre identidade e globalização, e como culturas ancestrais são vistas (e até utilizadas) pela cultura de massa. O trabalho aborda a concepção de “indivíduo”.

Como se existissem vários “eus” em contraponto a um único “eu”, por meio de um procedimento cênico teatral ancestral, a máscara compõe um “modus corporeo” intensificado pela performance de um DJ.

Trabalho solo de Otávio Bastos

Somático (SC)

10 e 11/03 – Teatro Cacilda Becker

Somático dá continuidade à pesquisa artística de Monica Siedler e Roberto Freitas, que investiga, na cena, a relação entre corpo e *live act*, termo que significa criação de vídeo e áudio, baseada no improviso, em tempo real. Neste contexto, a imagem é pensada enquanto espaço de transcendência, onde o que é visto ultrapassa a superfície da própria imagem e se desdobra, em conteúdos não premeditados.

No espetáculo, pequenas narrativas confundem-se e perdem-se, diante de um espaço vazio e descontextualizado.

Realização: ARCO Projetos em Arte. Atriz-dançarina: Monica Siedler. Concepção e criação: Monica Siedler e Roberto Freitas

Rastros Híbridos (AM)

15 a 18/03 – Teatro Cacilda Becker

Em Rastros híbridos, a arte rupestre participa como marcador de territórios e de mudanças de comportamentos, a cada novo território, construído pelas intérpretes do espetáculo. A proposta é uma nova postura, um novo olhar/pensar o mundo do indígena. A trilha sonora é tocada ao vivo e valoriza o tambor, elemento principal no processo de revalorização da cultura Kali’na.

A temática proposta vem colaborar no entendimento das relações entre a arte de espetáculos e a

questão do regionalismo. Diversos conflitos de identidade que ocorrem nos povos ameríndios acarretam em perdas fatais, como suicídios, principalmente, de jovens indígenas. O espetáculo fomenta a discussão sobre as relações da sociedade Kali'na com outras culturas, questionando de que forma o corpo ameríndio se insere e se relaciona com a contemporaneidade.

Realização: Índios.com Cia. de Dança. Com Alessany Negreiros, Carol Santa Ana e Yara Costa.
Direção: Yara Costa e Francis Madirson

Saudade (BA)

29/03 a 01/04 – Teatro Cacilda Becker

Em Saudade, por meio da linguagem universal da dança, Cathy Pollini busca traduzir o significado da palavra “saudade”, que só existe na língua portuguesa.

A partir de entrevistas, verdadeiras e imaginárias, a intérprete “dança” a saudade que existe no palco, por estar só, em cena.

Realização: Companhia Dezeo Ito. Concepção, interpretação e cenografia: Cathy Pollini.

Cenografia e iluminação: Guillaume Laurouol. Som e vídeo: Cyrille Brissot

Sol (BA)

29/03 a 01/04 - Teatro Cacilda Becker

O espetáculo solo foi criado por Cathy Pollini para o francês Guillaume Laurouol. Na concepção do trabalho, a artista integra o significado de sol em português com o francês “le sol”, que significa o chão, a terra. Guillaume, quase um brasileiro, dança para sentir a terra escolhida sob seus pés, para imaginar a terra dos deslocamentos, desenhando um novo percurso com som e vídeo.

Realização: Companhia Dezeo Ito. Interpretação, cenografia, concepção de vídeo e produção: Guillaume Laurouol

Teatro

Pólvora e Poesia (BA)

23 a 26/02 - Teatro Cacilda Becker

O espetáculo vai além de uma história amorosa e estética, de encontros e desencontros entre dois grandes escritores do final do Século XIX: Arthur Rimbaud e Paul Verlaine, vividos por Talis Castro e Caio Rodrigo, respectivamente. Rimbaud, um poeta rebelde, de ideologias que fervilham originalidade e personalidade, esfacela a todo instante o discurso socialmente arranjado de Verlaine.

No texto impactante, a carga poética da peça fica por conta da violência emocional com que o lirismo salta dos discursos para tomar forma, por meio de movimentos corporais pontuados pelos *riffs* de guitarra. O espetáculo convida a uma imersão no encontro conflituoso com o próprio eu.

Pólvora e poesia conquistou o Prêmio Braskem de Teatro 2011, nas categorias direção e espetáculo adulto.

Realização: Hiperativa Comunicação e Cultura. Texto: Alcides Nogueira; direção: Fernando Guerreiro. Com Caio Rodrigo e Talis Castro.

Heróis, O Caminho do Vento (DF)

01 a 04/03 – Teatro Dulcina

Heróis, o caminho do vento (“Le Vent des peupliers”, no original francês), de Gerald Sibleyras, apresenta três personagens, ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial, que esperam a morte num abrigo geriátrico, onde se relacionam, com fina ironia, demonstrando comportamentos absurdos para os olhos das pessoas ditas normais.

Fernando tem um estilhaço de granada incrustado no crânio, que o faz perder a consciência de vez em quando. René sofre de uma lesão na perna, que o impede de caminhar bem. Gustavo tem o orgulho ferido, por ter sido abandonado por uma mulher. Na conversa diária, eles são

acompanhados pela estátua de um cachorro que, longe de ser um convidado de pedra, se integra ao grupo, até o ponto de transformar o trio incomum em um insólito quarteto.

René, Gustavo e Fernando já não estão subordinados a uma figura militar de maior patente. Agora têm que lidar com a autoridade de uma freira, em um regime de vida pleno de restrições e reconciliações. O espetáculo é uma experiência de amizade. Os três personagens se unem, com humor e poesia, para combater um inimigo comum: a velhice, o tédio e o esquecimento.

Realização: Grupo Cena. Direção: Guilherme Reis. Com João Antonio, Willian Ferreira e Chico Sant'Anna.

DentroFora (RS)

15/03 a 18/03 – Teatro Dulcina

A peça é uma metáfora sobre o ser humano contemporâneo. Conta o momento de duas personagens, chamadas apenas Homem e Mulher, que se encontram presos dentro de duas caixas. A peça explicita a imobilidade do ser humano perante a vida. O espetáculo recebeu o Prêmio Açorianos de Melhor Ator 2009 (Nelson Diniz), Prêmio Braskem de Melhor espetáculo 2010 e Prêmio Braskem de Melhor direção 2010 (Carlos Ramiro Fensterseifer).

Realização: Grupo IN.CO.MO.DE-TE. Direção: Carlos Ramiro Fensterseifer. Com Liane Venturella e Nelson Diniz.

Isso Te Interessa? (PR)

15/03 a 18/03 – Teatro Glauce Rocha

O espetáculo é uma adaptação de *Bon, Saint-Cloud*, escrito por Noëlle Renaude, em 2009, texto e autora ainda inéditos no Brasil. Saint-Cloud, a que se refere o título em francês, é uma pequena cidade, subúrbio burguês parisiense, onde se pode passear aos fins de semana, para escapar da rotina diária.

A peça é um percurso no tempo de pelo menos três gerações de uma família — “pais, mães, filhos e cães”, que podem fazer parte de qualquer família comum, em qualquer cidade do mundo. Nada de especial acontece. Não há grandes eventos, apenas acontecimentos que determinam trajetórias prosaicas das vidas dos personagens. Um pai que fuma, uma mãe que esquece, um filho que vai embora, uma filha que fica grávida, uma mãe que se separa, filhos que não “estão nem aí”, um pai que morre, uma filha que morre, uma mãe que fica, uma mãe que decide morrer, um filho que volta, um filho que se lembra, os cachorros que estão por ali, o tempo que passa, as pessoas de quem lembramos, o lugar onde queremos ir e o lugar de onde nunca saímos. Uma lente direcionada para a casa de uma família na qual podemos entrar. Uma máquina do tempo que nos propõe percorrer três gerações em uma hora. Um exercício da língua que falamos e da linguagem do teatro. Uma história que contamos de dentro e de fora ao mesmo tempo.

Realização: Companhia Brasileira de Teatro. Texto: Noelle Renaude. Tradução e adaptação:

Giovana Soar e Marcio Abreu. Direção: Marcio Abreu. Com Giovana Soar, Nadja Naira, Ranieri Gonzalez e Rodrigo Ferrarini.

Árvores Abatidas ou Para Luís Mello (PR)

22/03 a 25/03 – Teatro Dulcina

Uma mulher, durante um jantar em homenagem ao famoso ator do teatro nacional — e que faz até telenovela —, percebe que está, na verdade, numa reunião de talentos medíocres. Arrependida de ter aceitado o convite, e enquanto espera o famoso ator que nunca chega, ela reflete sobre sua vida e o meio que a cerca, diante da lembrança de uma grande amiga de todos, enterrada naquele mesmo dia.

Realização: Marcos Damaceno Companhia de Teatro. Texto e direção: Marcos Damaceno, a partir da obra de Thomas Bernhard. Com Rosana Stavis.

Outro Lado (MG)

22/03 e 23/03 – Teatro Cacilda Becker

Essa é a estória de pessoas que compartilham alguns anos de suas vidas, dentro de um pequeno espaço. Elas poderiam ter tomado outros caminhos; talvez nunca teriam se encontrado; milhões de combinações são possíveis. No entanto, estão ali. Lá fora, o mundo está um caos e poucos têm coragem de sair de suas casas. Mas, amanhã será um novo dia, quando todos viverão outra época da humanidade.

Realização: Grupo Quatroloscinco. Texto: Assis Benevenuto e Marcos Coletta. Direção e atuação: Assis Benevenuto, Ítalo Laureano, Marcos Coletta e Rejane Faria

É Só Uma Formalidade (MG)

24 e 25/03 - Teatro Cacilda Becker

No ringue das relações humanas, há sempre o risco de ir a nocaute. A gente pode abandonar certas coisas. A gente pode inventar. Afinal, a vida não é bonita o bastante.

Ao receber a notícia da morte do pai, um homem é obrigado a retornar ao seu passado e enfrentar suas próprias frustrações. Enquanto isso, um casal acaba de se mudar e entre caixas, cheiros e um pedido de divórcio velado, a mulher espera que o marido se lembre de mais um aniversário de casamento. Tratadas com ironia e sensibilidade, estas duas situações revelam o vazio e as fragilidades existentes por trás dos rituais do mundo civilizado.

Criação coletiva: Grupo Quatroloscinco - Teatro do Comum. Direção e dramaturgia: Ítalo Laureano, Marcos Coletta, Rejane Faria e Sérgio Nicacio.

Essa Febre Que Não Passa (PE)

22/03 a 25/03 – Teatro Glauce Rocha

Cinco contos do livro *Essa febre que não passa* (Clóvis, Nomes, Talvez já fosse tarde, Um tango com Frida Khalo e Dora descompassada), da jornalista pernambucana Luce Pereira, servem ao Coletivo Angu de Teatro como matéria-prima para um mergulho no universo feminino. Despontam no meio da ficção, povoados por mais de nove mulheres, momentos em que são narradas experiências pessoais das próprias atrizes.

Realização: Coletivo Angu de Teatro. Texto: Luce Pereira. Direção: André Brasileiro e Marcondes Lima

Cabaré das Donzelas Inocentes (DF)

29/03 a 01/04 – Teatro Glauce Rocha

Num cabaré decadente, cravado numa cidade qualquer do Brasil, habitam quatro prostitutas, sem clientes. China é a cafetina que nunca se relacionou com nenhum homem naquele Castelo (cabaré). Ela cuida, como uma mãe, de mais três prostitutas: Saiana, Menininha e Cabeluda. Cada uma delas passou por desilusões muito intensas que as levaram para a dita “vida fácil”. Com personalidades e idades distintas, as quatro se entretêm com suas memórias, e sonham com dias melhores. Revelam suas histórias de humor e dor em meio à música que ambienta e direciona as sensações já vividas. A esperança é a motivação para que essas mulheres de carne e osso sigam em frente. O espetáculo é concebido para se adaptar a diversos espaços, podendo dialogar com diferentes platéias. Uma radiola de ficha, manuseada ao vivo, dá um charme especial à montagem.

Realização: Quartinho Direções Artísticas. Texto e pesquisa musical: Sérgio Machado. Direção: Murilo Grossi e William Ferreira. Com Adriana Lodi, Bidô Galvão, Catarina Accioly e Carmem Moretton. *Stand in* e assistência de direção: Carmem Moretton

Anjo Negro (MT)

29/03 a 01/04 – Teatro Dulcina

Texto de Nelson Rodrigues. Ismael é um homem rico, poderoso, de pele negra e que possui violentamente Virgínia, uma mulher linda, de pele branca, que é com ele casada à força. A trama da

peça é sustentada pelo embate travado entre Virginia e Ismael, pois ela está sempre grávida contra a sua vontade, e por isso, ela se vinga dessa condição, assassinando cada filho negro que nasce do seu ventre. Mas Virgínia conhece Elias, um homem branco, cuja paixão à primeira vista a impulsiona a uma explosão de sentimentos e desejos, criando nela coragem para tornar-se livre.

Realização: Cia. Teatro Mosaico. Direção: Sandro Lucose. Com Beatriz Napolitani, Celso Gayoso, Dani Ornellas, Deo Garcez, Daniela Leite, Genival Soares, Joana Seibel, Milena Machado, Rany Carneiro e Raquel Mutzemberg